

DIRECÇÃO

de

HENRIQUE DE RESENDE

MARTINS MENDES

e

ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA MENSAL
DE ARTE E
CULTURA

REDACÇÃO

e

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES -- MINAS

S U M M A R I O

Apresentação

José Mindlin

Os verdes da "Verde"

Guilhermino Cesar

A "alegre e paradoxal"
revista VERDE de Cataguases

Cecília de Lara

VERDE ("História de revistas
e jornais literários").

Plinio Doyle

ABI CONSULTA
EXCLUSIVA
NA BIBLIOTECA

Os verdes da “Verde”

Guilhermino Cesar

“Sabem em quem é que eu penso cada vez que me lembro que há uma escola poética de Cataguases, que há uma revista literária interessante em Cataguases, que há um ensaio de cinema brasileiro em Cataguases? Penso em Taine, em Hennequin, em todos esses homens que quiseram fazer da crítica literária uma ciência quase exata. Por que enredos da Providência — que os homens de nossos dias têm vergonha de invocar, e então apelidam de Acaso, de Destino e sobretudo de Fatalidade... — por que enredos da Providência Divina foi nascer à beira de um riacho chamado Meia-Pataca (é o cúmulo da modéstia um rio chamar-se assim...) um grupo de poetas interessantes, que hão de deixar uma certa marca no momento poético que estamos vivendo?”

Estas as perguntas que se fazia, em 1928, no seu rodapé de crítica literária de *O Jornal*, do Rio de Janeiro, o Sr. Tristão de Athayde. Embora estivesse acompanhando, com a sua habitual lucidez, a propagação do Modernismo, estranhava também, como o faziam todos os círculos do País, que houvesse surgido logo ali, na Mata mineira, semelhante manifestação de rebeldia. Ninguém explicava o como e o porquê da irrupção de *Verde*. Cataguases, esparramada no fundo de um vale mineiro, até aquela data produzira café, deputados, cereais, panos, fumo, ladrilhos, tudo na santa paz instaurada pelo Partido Republicano Mineiro. Às vezes um conflito político estourava aqui, uns tiroteios acolá, mas tudo se acomodava depois; a tranqüilidade planava, com os mosquitos, sobre as águas do Rio Pomba e do riacho da Meia-Pataca. Só por milagre teria saído dali, com a intenção de fustigar curiosidades no Rio, em São Paulo e Belo Horizonte, uma revistinha daquelas. E além do mais, “futurista”. Já leram? Um negócio incompreensível. Sorriam os próprios tipógrafos, sorria o vigário, o presidente da Câmara, o coletor, os caixeiros, o escrivão do crime, as árvores da Praça Rui Barbosa, os sapos no brejo — sorria a cidade inteira do desconchavo juvenil. *O Cataguases*, órgão oficial dos poderes municipais, aplaudiu discreto. Não convinha desaprovar: os autores da proeza eram bons moços, pertenciam a famílias conhecidas, havia até um engenheiro recém-formado metido entre eles.

O fato é que *Verde* estava na rua, burlando as regras do jogo cultural. Mas num reduto da cidade, o ginásio, ela causava furor, emulação, entusiasmo, desprezo, brigas. No alto da Granjaria, entre a *Física* de Ganot e a *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet, só ali havia compreensão — e inveja. O resto foi a repercussão da “besteira” em outras terras. Os pronunciamentos de fora aturdiram Cataguases.

Alguém saberia explicar o “fenômeno”? Mas agora, passado meio século sobre um fato literário que a gente continua a não compreender, devo alinhar, em depoimento singelo, algumas impressões que talvez expliquem alguma coisa. É pena que Ascânio Lopes, Enrique de Resende e Rosário Fusco já não vivam. Figuras principais do grupo, teriam muito que dizer. Francisco Inácio Peixoto, momentaneamente impedido, não pôde me acompanhar neste depoimento. José Mindlin, querido amigo, a quem se deve a iniciativa desta reedição fac-similar, convenceu-me, porém, de que eu devia evocar agora aquela quadra de nossa vida cataguasense. Aqui estou, por exclusão, e bem pode avaliar o leitor com que carga emotiva a pesar-me na lembrança. Cecília de Lara, no seu belo estudo, com isenção crítica, examina outros aspectos de que não me ocuparei. É o que vale.



No princípio foi o ginásio... Com efeito, o Ginásio Municipal de Cataguases, então dirigido por Antônio Amaro Martins da Costa, reunira no segundo decênio deste século um grupo de bons professores, dentre os quais Cleto Toscano Barreto, juiz de direito da Comarca. Ensinava português e francês aos meninos, com uma austeridade e saber a que eles não foram indiferentes. Dava-lhes o mestre, a par de conhecimentos metódicos, regras de conduta intelectual. Traduzir Racine e Corneille, ler Camilo e Machado, analisar sintaticamente *Os Lusíadas*, isso não era nada. O velho Cleto fazia-os ler também os jornais do Rio, a *Revista de Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, artigos de crítica e de história literária. E, não contente, obrigava-os a escrever. Aos domingos e feriados, havia ainda o “Grêmio Literário Machado de Assis”, a cujas sessões festivas comparecia o corpo docente. Junto da bibliotequinha da sociedade estudantil, onde a Enciclopédia Jackson se emparelhava com Machado, Alencar, Aluísio, Pompéia, Macedo, Júlio Verne e o mais que Deus e a censura didática permitiam, meninos e rapazes se exercitavam de várias formas, lendo trabalhos próprios e alheios, fazendo “crítica” (a que se pode imaginar) e declamando o que nem sempre se casava com o tom parnasiano gloriosamente reinante. Nesse ambiente veio repercutir a inquietação modernista. E de que maneira, já se adivinha: confusa, atropeladamente. Nossos oráculos, — pelo menos os da minoria ativa, nucelada em torno do grêmio — eram aqueles que a mão alcançasse. A última leitura destronava a anterior. Habitávamos, sangüíneos, o reino das descobertas sensacionais. Devorávamos o trivial e o extraordinário. Em poesia, Alphonsus, Vicente de Carvalho, Antero de Quental, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Antônio Nobre. O Junqueiro de *Os Simples* nos fazia chorar. *A Morte de Dom João* nos arrepiava a pele. A trindade — Bilac, Alberto, Raimundo — não nos embalava tanto a imaginação quanto o Menotti de *Juca Mulato*. Os contos de Arinos, João do Rio, Fialho, Lobato, Hoffmann, eram mais procurados que os de Machado de Assis. Os rapazes, porém, que precocemente haviam descoberto amor

e medo, gostavam muito dele. E para justificar o privilégio não faltavam *Capitus* — ou antes, as ninfas uniformizadas da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo. Não tomavam banho, nuas, no Rio Pomba, mas saíam voando das aulas e povoavam a praça, só para exacerbar nossas bem-aventuradas aflições. Incursões literárias pela estrangeira, em busca de uma prosa encorpada, que nos servisse de modelo, se faziam às cegas. Camilo e Eça, João Grave, Ramalho Ortigão, Loti, Balzac, Anatole France — eram também de preceito entre os taludos. Estes anunciavam aos menores descobertas pecaminosas: o erotismo de d'Annunzio, por exemplo. Enquanto isso, *Madame Bovary* nos parecia menos apetecível que a Lenita de *A Carne*. O teatro de Maeterlinck e a *Salomé* de Wilde estouraram naquele meio como bombas de retardamento. E Francis Jammes, e Verlaine, e Walt Whitman. Havia então outra música, diferente do martelar parnasiano...

De descoberta em descoberta, os já rapazes achamos precisamente o que não procurávamos. Tudo aquilo, afinal, eram fantasmas de outro clima. E um dia começamos a perceber que a Europa nos cansava. Fizemos o tratamento adequado: começamos a negá-la. Da negação patrioticamente exaltada chegamos ao radicalismo total. Que fossem também para o Inferno os nossos “passadistas”. Contudo, salvamos do fogo aquilo que achávamos mais nosso — um lamento alphonsino, as reflexões amargas ou irônicas de Raúl de Leoni, o cepticismo coruscante do *Eu*, coisas assim, menos famosas do que as importadas da Europa, mas fruídas por nós com apaixonada vibração. O nacionalismo entontecia feito o cheiro do capim-gordura, sob o sol, a caminho do ginásio; corria em nós, natural: o rio no seu leito. Ou antes, era uma labareda na alma. Os destroços da Primeira Grande Guerra nos sombreavam a retina. Não entendíamos bem aquela corrida para a violência e a morte. Mas aceitávamos sua música, instilada pelos acordes de fogo de um Manuel de Falla. E o “jazz”, anunciando alegria e força, melancolia e sofrimento, nos caía bem no ouvido. Ari Barroso, vindo de Ubá para o Ginásio Municipal de Cataguases, já no fim de seus preparatórios, encheu de samba as nossas tardes domingueiras. Renato Gama, pianista tão jovem como nós, mostrou-nos que além de Falla havia Albéniz e Stravinski. Ao júbilo da gustação literária seguiam-se agora outros prazeres. O cinema diário, na praça, trazia-nos uma visão perturbadora do mundo — o italiano, com a vampiresca Menichelli; Carlitos; o claro-escuro dos filmes da UFA; Tom Mix no seu cavalo, Rodolfo Valentino fecundando gineceus — a gente começava a receber diariamente, numa cidade que não tinha talvez cinco mil habitantes, na Zona da Mata mineira, outros estímulos intelectuais. Já não era preciso deixar o Largo de Santa Rita, a Praça Rui Barbosa, atrás de novidades; o mundo vinha até nós.

Belo Horizonte, capital do Estado, ficava tão longe da Zona da Mata quanto Berlim, Oslo, Palermo. De lá recebiam, porém, os cataguasenses (funcionários públicos) o *Minas Gerais*, com a palavra do Governo; os políticos, evidentemente, não deixavam de passar os olhos pelo *Diário de Minas*, termômetro oficioso da governança, a ver como andavam os humores do Palácio da Liberdade. Órgão oficial do Partido Republicano Mineiro, esse jornal serviu generosamente ao Modernismo. Seu redator-chefe no decênio de 20, Carlos Drummond de Andrade nele instilou, subrepticamente, o veneno modernista. Só mais tarde, em 1925, *A Revista*, primeira publicação do Modernismo no Brasil-Central, entrando em Cataguases pela mão de Ascânio Lopes, nos convenceu de que a Capital existia também acima e fora da administração e da política. Nossas relações de ordem cultural eram com o festivo Rio, o casmurro São Paulo, suas isidoradas, e a Semana de 22, e as fábricas do Matarazzo. Do Rio, sobretudo, nos vinham os remédios, os jornais matutinos, as revistas ilustradas, os sabonetes; as gazetas vespertinas, manchadas de sangue, pois o crime figurava obrigatoriamente nas manchetes; os debates parlamentares, a Coluna Prestes, ressonâncias do borgismo gaúcho, gemidos dos presos de Bernardes nas paludosas clevelândias. Tudo passava pelo crivo carioca. A Rua do Ouvidor, com as “melindrosas” e a Garnier, era o figurismo e o meridiano cultural da Zona da Mata mineira. Todavia, uma nova linha de força começava a surgir, ameaçando o monopólio do Rio. O oficialismo literário, centrado na Academia de Letras, dava sinais de esclerose. E essa força nova, representada por escritores provinciais, cheios de exuberância, teve na Semana de Arte Moderna (1922) o seu centro de irradiação por todo o Brasil.

O resto é bem sabido: partindo inicialmente de São Paulo, a revolução modernista chegou também um dia a Cataguases. A cidade modorrava, ouvindo berros de boi, os raros fusos de sua fábrica de tecidos, o murmúrio do Meia-Pataca, o ronco de meia dúzia, se tanto, de automóveis. Mas no ginásio, nas praças, à porta do cinema, uma juventude infeccionada pelo vírus piratiningano da Semana de 22 já não aceitava passivamente a opulência verbal de Coelho Neto, pedia outra visão do mundo aos donos da literatura.



A imprensa carioca — no geral — fora ranzinzamente hostil, de saída, aos “futuristas”, como se dizia. Carlos de Laet, Osório Duque Estrada, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, autores em evidência, procuraram ridicularizá-los. A reação da Academia, diante do “espírito moderno” de Graça Aranha, numa tarde agitada, se apenas subverteu momentaneamente a ordem na Casa de Machado de Assis, rebentou porém como um escândalo em outros centros, atraindo a simpatia dos jovens para aquele que tivera a coragem de protestar contra as letras oficiais.

A radicalização política, iniciada no governo Epitácio Pessoa, com o envolvimento de oficiais do Exército, a importação do leninismo e do facismo, o estado de sítio permanente, no quadriênio de Artur Bernardes, suscitavam por outro lado inquietações generalizadas, favorecendo a contestação e a revolta.

Voltemos agora a Cataguases, ao seu ginásio, aos anos de 20-30. A crise do café repercutiu intensamente naquele município. João Duarte Ferreira, a maior fortuna da terra, fizera sua prosperidade pessoal, e a da comuna, comprando, plantando e pilando café. Artur Bernardes, cujo prestígio na política nacional surgiu do domínio absoluto que exercia sobre os “burgos podres” da região, consumira-se na defesa do Catete. Como o fizera durante o tempo em que ocupou o Palácio da Liberdade, não cuidou do desenvolvimento econômico de sua terra. A morte de Raúl Soares, o interregno, todo político — e só político — de Melo Viana; e depois, a partir de 1926, o liberalismo astuto do presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, não alteraram a rotina e as carências na empobrecida Zona da Mata. As lideranças do PRM privatizavam o seu jogo, baseadas na fidelidade dos “caciques”. Nós, moços, tínhamos nojo, simplesmente nojo, de tudo aquilo; aos velhos líderes, que nos engabelavam, que dizer? Nossas opiniões — entre os que as tinham — se atrelavam ao mais feio personalismo, porque de ideologia não curavam.

O nosso refúgio, os livros de literatura, começou a ter um dia outra significação, agitou-se. É que alguns poucos, mais experientes (conheciam Juiz de Fora e Rio, Campos e Belo Horizonte), descobriram a Livraria Espanhola de Samuel Nuñez Lopes, Rua 13 de Maio, 13, na capital da República. Numerosos roteiros se escondiam ali, naqueles volumes empoeirados: os socialistas espanhóis; Marx e Engels; Trotski e seus perseguidores implacáveis. Notícias e enredos do vasto mundo principiaram a ferir o olhar daqueles ex-meninos uniformizados que recitavam “O Último Número”, de Augusto dos Anjos, escandalizando os “sensatos” admiradores de Bilac.

Nossa diáspora particular, de preparatorianos em fim de curso, começou por volta de 1925-1926. Ascânio Lopes foi estudar Direito em Belo Horizonte, João Luís de Almeida, mais velho que nós, estava nos últimos anos do mesmo curso, no Rio, enquanto Francisco Inácio Peixoto e eu nos preparávamos também para seguir a mesma carreira. Citei um nome que merece referência especial: João Luís. Filho de fazendeiro endinheirado, serviu-nos de provedor... Explico. Ia ao Rio com frequência, para fingir que estudava, e de lá nos trazia, na sua mala, todas as novidades que podia adquirir. Por seu intermédio, Peixoto, Fusco e eu ficamos conhecendo quase tudo que de expressivo publicavam os modernos. Bandeira, Mário de Andrade, Oswald, Cassiano, Augusto Meyer, Menotti, e ainda Raúl Leoni, Jackson de Figueiredo, o *Afonso Arinos* de Tristão de Athayde, e tantos mais, eram leitura corrente entre nós, graças ao bom colega. Para mim mesmo, nas minhas horas mais

secretas, costume lembrá-lo: desembarcando do expresso das cinco na estação da Leopoldina Railway, em Cataguases, atravessava a avenida Astolfo Dutra, a caminho de casa, comboiando o carregador, que gemia ao peso da mala. E nós, famintos de leitura, atacávamos logo o viajante, despojando-o dos seus tesouros, sempre menores do que a nossa ambição.

Influências literárias não conhecidas no meio em que vivíamos começaram a pesar sobre nós. Já não estranhávamos nada. Mas a variação da rosa-dos-ventos muito nos excitava. Desta sorte, sem embargo de tão ingênua, a revista *Verde* é menos provinciana do que muitas outras que surgiram em grandes cidades brasileiras, à mesma época. O nosso insulamento geográfico foi sendo pouco a pouco superado pelos poderes do livro. Fundamos jornalecos, publicamos poeminhas, aderimos em massa ao verso livre, coisa que ainda escandalizava, e muito, os bem-comportados do poema de forma fixa.

Entre os jornais que em Cataguases contribuíram para revelar nossa má literatura, de três, pelo menos, ainda me recordo. Em *O Mercúrio*, da Associação Comercial, em sua segunda fase quase todo redigido por mim, divulguei poemas “futuristas”, consoante a denominação corrente, de um menino de calças curtas: Rosário Fusco. Foi a sua estréia. Em outro membro da imprensa nanica, *O Eco*, de João Luís, e no *Jazz-Band*, que se lhe seguiu, os colaboradores usaram, quase todos, pseudônimos. Literatos em germe, foram alguns deles os responsáveis, com exclusão de João Luís, pelo futuro aparecimento de *Verde*.

Em nota que há pouco me enviou, diz Francisco Inácio Peixoto:

“Está no Manifesto do Grupo Verde de Cataguases: “O nosso movimento Verde nasceu de um simples jornaleco da terra — *Jazz-Band*”. Este, logo no cabeçalho, informava: “quinzenário moderno e mundano”. Tinha como diretor e redator, respectivamente, M. Sylveira e Lélio (Rosário Fusco). Durou um número: o de 28-8-1927. Já em setembro, surgia *Verde*, revista anterior àquele manifesto, publicado em boletim à parte, em papel verde. Não trazia data e era assinado por Henrique de Resende (o “H” de Henrique seria abolido anos mais tarde), Ascânio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino Cesar, Cristóforo Fonte-Boa, Martins Mendes, Oswaldo Abritta, Camilo Soares e Francisco I. Peixoto. Dizia coisas assim: “Somos nós. Somos verdes. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostosíssimo escândalo interior e até vaias íntimas” (sic). Como se vê, juvenilidades a que aderira, puxado por nós, o mais velho de todos — Henrique, já casado, já engenheiro e com livro publicado. E às quais aderira, também puxado por nós, Martins Mendes, professor e diretor-secretário do Ginásio Municipal de Cataguases. Éramos nove, mas, na realidade, apenas uns poucos funcionavam, como se pode ver da leitura da revista. Hoje, ao que conto, somos quatro, talvez cinco sobreviventes, no caso de

incluir-se na lista o Cristóforo Fonte-Boa, de quem, nestes últimos anos, não sei o paradeiro. Houve uma natural dispersão. Uns, por já estudarem fora; outros porque, terminado o curso ginásial, se encaminhavam para os vestibulares. Restaram aqui em Cataguases Martins Mendes, que, além de suas funções no Ginásio, estava terminando o curso livre de Direito; Enrique de Resende, que construía estradas, e Rosário Fusco, que iria mais tarde matricular-se no Ginásio, onde, em troca de seus serviços como regente e professor de Desenho, fez todo o curso secundário. Assim, à exceção de um (Enrique), todos os “verdes” provinham do Ginásio. Existia lá, e ainda existe, o Grêmio Literário Machado de Assis e eram passadistas todos ou quase todos os seus associados. Discutia-se, brigava-se, até mesmo fora do recinto do Grêmio. Lembro-me de que, um dia, durante o recreio, Camilo Soares, com o *Correio da Manhã* na mão, intimava-me a ler um artigo de Raúl Machado — A morte do verso. Dele se valia para me atacar. Ficamos de mal e, quando regresssei das férias, fui encontrá-lo convertido ao Modernismo e já participando do grupo. A revista tinha então publicado o seu primeiro número. Fusco afirmava sempre que partira dele, e de Ascânio, a idéia de sua fundação, e de ambos a autoria do manifesto. Mas, por que *Verde*? Era este o título de um livro de poesia anunciado por Fusco e a conotação é evidente.”

Deve ter sido exatamente assim. A memória de Peixoto, no que tange a Cataguases, não falha. Foi ele, de todos nós, o que mais fiel se mostrou às origens. Formado em Direito, no Rio, voltou pouco depois para realizar quase sozinho uma grande obra em sua terra. Levou para lá a arquitetura de Niemeyer e de Aldari Toledo. Comprou o velho ginásio em que estudáramos, derrubou-o e ergueu no lugar um belo edifício; encomendou quadros a Portinari (inclusive o famoso mural de Tiradentes, hoje fazendo parte do acervo paulista), despertou emulações salutares no campo da arte, da literatura, do ensino, e ainda hoje lá vive, cercado de filhos e netos, a compor silenciosamente os seus contos de boa categoria. Nós outros, sonhadores de vária pinta, nos perdemos por outros caminhos, na areia.



Rosário Fusco, o mais jovem do chamado Grupo Verde, foi entretanto o seu dinamismo. Ascânio, que animou a revista, no primeiro número, com a sua energia e discernimento, adoeceu em seguida para logo depois morrer. Enrique de Resende, diretor nominal, ocupado com os seus trabalhos de engenheiro, permitiu que o menino se tornasse um “executivo” de primeira ordem. Desabusado, franco, alegre, extrovertido, assimilava tudo e a tudo atendia com presteza. Carteava-se com Mário de Andrade, Oswald, Antônio de Alcântara Machado, Drummond, José Américo de Almeida, Graça, Paulo Prado; com os platino de *Proa*, com bolivianos e uruguaios. Sua correspondência passiva inundou o Brasil. Mário escreveu-lhe

umas dezenas de cartas que são hoje fundamentais para se estudar a irradiação do Modernismo. Conversando de longe com o seu jovem amigo, o escritor paulista era a um tempo severo, compreensivo e afetuoso.

Dadas essas ligações, a revista teve o privilégio de publicar colaboração variada, da autoria de gente feita. O aval generoso de Mário nunca lhe faltou. É o que pode ver o leitor mais adiante, desde o segundo número; escreveram na revista *Verde* os amigos mais chegados do autor de *Paulicéia Desvairada*. De Belo Horizonte, Drummond foi o mais constante no apoio ao grupo cataguasense. Redator-chefe do *Diário de Minas*, amparou efetivamente, com o seu desinteresse exemplar, os meninos de Cataguases, divulgando-os no seu jornal.

No Rio, para onde se transferiu após um ano de Belo Horizonte, Peixoto fez ligação com velhos e novos. Travou amizade com Marques Rebelo e Walter Benevides, mandou poemas de Augusto Frederico Schmidt, então desconhecido, para a revista; freqüentou a roda de Adelino Magalhães, no “Cachimbo Turco”, e o escritório de Prudente de Moraes; privou com Rodrigo M. F. de Andrade. E um dia, vendo uma nota azeda de Tasso da Silveira em *Festa*, desancando os modernistas em geral, encheu-se de sagrado furor e redigiu uma veemente resposta ao poeta paraense. Virou herói, por isso, entre nós; mas o antigo espadachim verde já não gosta que se fale nisso.



Muitos já escreveram, nos últimos tempos, sobre o “Manifesto” do Grupo Verde, deitado aos ventos, com muita pretensão, após o 1º número da revista. Foi redigido às pressas, em Cataguases (onde eu não me achava então). Recebeu emendas de alguns dos colegas? Não sei responder. De mim, sei que o aprovei quase de cruz. Devo ter feito duas ou três sugestões, se tanto, pois que me fora enviado o texto por Ascânio, com o pedido de que o examinasse e lhe desse autorização para incluir meu nome entre os signatários.

Apesar do açodamento com que tudo se fez, o certo é que ali se exprime bem tudo quanto pensávamos. Éramos, a maioria dos responsáveis pelo seu lançamento, uma turma unida. Discutíamos, sem parar, água vai ou não vai, mas no geral o trilho de um era o de todos, no concernente ao Modernismo, uma religião de nossa juventude.

De qualquer modo, o programa de *Verde*, tal como figura no “Manifesto”, tem muito de ingenuidade e bravata. Num ponto, contudo, revela total sinceridade, que o redime: queria um nacionalismo atuante, de alto a baixo. Deixemos isso, todavia, para os críticos futuros. Quero agora notar que, examinada a sério a expressão

denunciadora do espírito moderno, chego à conclusão de que a nossa febre literária não fez mal a ninguém. Ao contrário, saímos dela mais gulosos de vida. Seja como for, nosso movimentinho, à semelhança do que sucedeu, por igual, em outros lugares, na mesma ocasião, prenunciou 30, fomentando inquietações que iriam desembocar num largo estuário literário e político. E desapareceu, enquanto expressão grupal restrita a Cataguases, na hora certa.

Entretanto, suas aspirações não muito definidas, seu pobre ideário — se me permitem uma palavra gorda — ajudaram de algum modo a *intelligentzia* mineira a repensar nossos problemas, a inquerir os motivos de nossas perplexidades e frustrações.

Verde perdera, por volta de 28, um pouco da timidez inicial e entrou numa faixa mais ambiciosa: editar livros. Sua fornada limitou-se todavia ao pão amassado em casa: *Poemas Cronológicos*, de Enrique de Resende, Ascânio Lopes e Rosário Fusco (1928); *Meia-Pataca*, de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto (1928); *Treze Poemas*, de Martins Mendes (1929); *Fruta de Conde*, de Rosário Fusco (1929). Foi pouco, por conseguinte; mas, atentos aos recursos tipográficos da terra e ao número limitado dos componentes do grupo (muitos dos quais, oriundos de outras cidades, se sumiram depois de concluídos os preparatórios), significou uma apetência de valores espirituais acima dos horizontes da Mata — muito milho, muito arroz, eleições a bico de pena, muito fumo em corda, feijão, tecidos de algodão, berros de boi.

Sentíamos as aflições do isolamento? Nem há dúvida. E nem sabíamos como é que Humberto Mauro, vivendo ao lado da gente, absorvido com a sua Phebo Filmes, se equilibrava numa segregação cultural tão opressiva. De 1929 em diante, Peixoto e eu quase não íamos a Cataguases. Mas Fusco, Enrique e Martins Mendes lá continuavam. Eram os remanescentes de uma agitação que breve chegaria ao fim.



Mas, voltando a Humberto Mauro, o pioneiro do nosso cinema, cabe referir aqui uma particularidade. Quem nos revelou seus méritos foram as revistas e os jornais do Rio. Residimos ali mesmo, a seu lado, uma porção de tempo, mas não chegamos a ajudá-lo em sua atividade desbravadora. A arte de Mauro era destinada às multidões; a nossa, uma elucubração solitária, reservava-se a poucos e duvidosos receptores. Paulo Emílio Gomes, o querido amigo que acabamos de perder, ressuscitou em letra de imprensa aqueles anos cataguasenses de muita poesia e muito cinema nacional à beira do Meia-Pataca e do Rio Pomba. Absolutamente fiel a um passado que não viveu, mas recriou através de minuciosa investigação, que lhe deu a oportunidade de escrever um livro absolutamente correto (*Humberto Mauro*,

Cataguases, Cinearte. São Paulo, 1974), afirma ele, com respeito aos “verdes” e à Phebo, algo que preciso lembrar aqui. Diz, para resumir tudo, que, embora convizinhando na mesma pequena cidade, os “verdes” e o cinema de Mauro não se fundiram na mesma proposta de renovação.

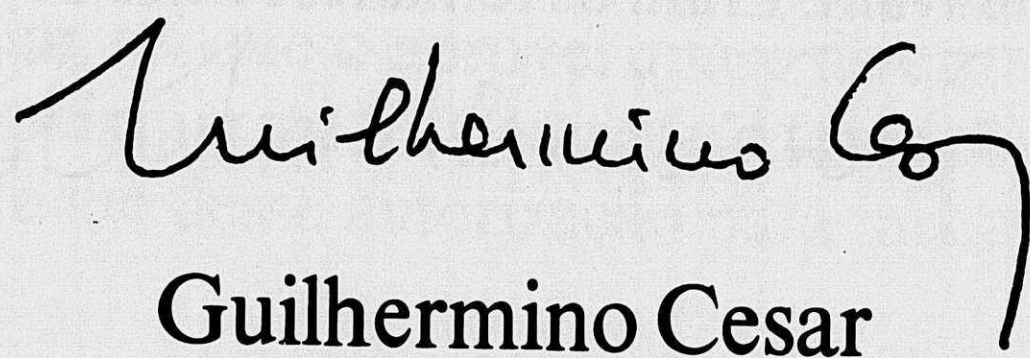
De fato, assim aconteceu. Nós apenas começávamos a nossa luta com a palavra, para usar a imagem de Drummond, e a sarabanda verbal nos endoidecia de amor por ela. Um amor bem amorudo, excludente de qualquer infidelidade. Ao passo que Mauro, vidrado pela imagem visual, não queria saber de outra paixão. Se não estivemos, ele e nós, irmanados no fazer diário, pelo menos cimentamos uma boa amizade póstuma, salvo seja. Quero dizer: posterior à ação que àquele tempo nos esbraseava; uma boa amizade, sim, não sombreada pela rivalidade, antes engrandecida por inalterável respeito mútuo.



Escrevo tudo isto com dificuldade. Andei envolvido nessa pequena aventura intelectual, contribuí sobretudo para ela com os meus erros; e quando ouço ou vejo o nome dos bons amigos e companheiros, deixo de lado qualquer juízo de valor.

Revivo simplesmente a hora que passou. Ou não passou?

Porto Alegre, novembro, 1978.


Guilhermino Cesar